



Encomendação das Almas: resistência cultural em São Roque de Minas¹

Genio NASCIMENTO²
Universidade de São Paulo - USP

Resumo

Dentre as inúmeras e autênticas manifestações do folclore brasileiro, a “Encomendação das Almas” se destaca no cenário do chamado “catolicismo popular” por seu aspecto folkcomunicação. O ritual, embora conhecido em outras regiões do Brasil, apresenta algumas particularidades no município de São Roque de Minas, região sudoeste de Minas Gerais. Esta manifestação folk-religiosa de procedência medieval é concebida, nesta pesquisa, como um exemplo de resistência cultural, uma vez que, mesmo com o crescimento das cidades e racionalização do pensamento, ainda existe e persiste em regiões perdidas nos mapas brasileiros. Partindo desta concepção, este trabalho também busca descrever as principais características dos símbolos e ritos que expressam essa manifestação popular. Sempre flertando com a teoria de Luiz Beltrão e tentando adequá-la ao contexto.

Palavras-chave

Folkcomunicação; Luiz Beltrão; Resistência Cultural; Catolicismo Popular.

¹ Trabalho apresentado no III Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação – Mediações e Interfaces Comunicacionais.

² *Genio de Paulo Alves Nascimento*, aluno de graduação do curso de Letras da Universidade de São Paulo – USP. genionascimento@gmail.com



Introdução

As montanhas escondem o que é Minas
Ninguém sabe Minas
Só os mineiros sabem
E não dizem nem a si mesmos o
irrevelável segredo chamado Minas

Carlos Drummond de Andrade

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa que tem como objetivo final mapear as principais manifestações populares, festejos religiosos, devoções, costumes, imaginários e lendas do município de São Roque de Minas, com a intenção de resgatá-las do esquecimento e ajudar a preservá-las. Para esse trabalho, contei com o fundamental apoio de *Valdete Arantes*, pesquisadora do folclore da região, que há alguns anos vem fazendo uma importante coleta de dados. Durante essa pesquisa, foram identificados aspectos folkcomunicaçãois que colaboram na preservação de algumas dessas manifestações.

A exposição do ritual da *Encomendação das Almas* será baseada nas descrições de como ela acontecia na região rural do Guiné (vide mapa anexo), onde recebia a denominação de *Folia³ das Almas*. Essa manifestação já é extinta nessa região, devido, principalmente, ao êxodo dos habitantes, que foram para as cidades em busca de melhores condições de vida. A região que até a década de 60 contava com um expressivo povoamento nas fazendas, hoje tem apenas alguns “retiros de gado” e pouquíssimos habitantes. Esses “retiros” são fazendas onde o gado fica durante certa parte do ano, se deslocando para outras em busca de melhores pastos. Ultimamente, a pecuária da região tem se modernizado, quase eliminando assim esse processo itinerante.

³ A expressão *Folia* não se adequa corretamente a esse contexto, uma vez que **Folia**, segundo o Aurélio, significa: dança rápida, de muitos pares, ao som do pandeiro; brincadeira ruidosa; folgado; pândega; pendência; briga, o que foge totalmente ao caráter pungente do ritual. No entanto, a *Encomendação* recebia essa peculiar denominação na região referida.



A descrição do ritual da *Folia das Almas*, nesse trabalho, foi colhida junto a antigos moradores⁴ da região que presenciaram e/ou participaram do referido ritual.

A Folkcomunicação

Em 1967, o pernambucano Luiz Beltrão de Andrade Lima (1918-1986) defendeu a primeira tese de Doutorado em Comunicação no Brasil. Nesse pioneirismo se destacava outro mais importante: a criação de uma nova disciplina científica, a Folkcomunicação, única teoria genuinamente brasileira nos estudos de Comunicação. Segundo o criador do termo, Folkcomunicação “é o processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, idéias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore⁵” (Beltrão, 1971).

Em seu artigo, “O ex-voto como veículo jornalístico”, publicado no N° 1 da revista *Comunicações & Problemas*, Beltrão arrancou elogios do folclorista Câmara Cascudo⁶, quando descreveu aquilo que seria o embrião de sua tese:

“Não é somente pelos meios ortodoxos – a imprensa, o rádio, a televisão, o cinema, a arte erudita e a ciência acadêmica – que, em países como o nosso, de elevado índice de analfabetos e incultos, ou em determinadas circunstâncias sociais e políticas, mesmo nas nações de maior desenvolvimento cultural, não é somente por tais meios e veículos que a massa se comunica e a opinião se manifesta. Um dos grandes canais de comunicação coletiva é, sem dúvida, o folclore.

Das conversas de boca de noite, nas cidades interioranas, na farmácia ou na barbearia; da troca de impressões provocadas pelas notícias trazidas pelo chofer de caminhão, pelo representante comercial ou pelo ‘bicheiro’; ou ainda, pelos versos do poeta distante, impressos no folheto que se compra na feira, e pelos ‘martelos’ do cantador ambulante; pelos inflamados artigos do jornalista matuto ou pelas severas admoestações dos missionários; do raciocínio do homem solitário no seu trabalho na floresta, na caatinga ou na coxilha – é que surgem, vão tomando forma, cristalizando-se as idéias motrizes, capazes de em dado instante e sob certo estímulo, levar aquela massa

⁴ Entre os entrevistados, destaco os depoimentos de José Alves Nascimento, 60, ex-tocador de réu-réu nas *Folias das Almas* do Guiné e Rafael Ribeiro, 72 anos, filho da terra e de coração cheio de histórias. Além da colaboração de diversos moradores do município de São Roque de Minas, agradeço especialmente à Maria Luciana Maciel, moradora local, pela colaboração fundamental para esse trabalho. Crédito também ao Prof. Valdenizio Petrolli, pelos incentivos e orientações.

⁵ BELTRÃO, Luiz. *Comunicação e Folclore: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias*.

⁶ A carta de Luis da Câmara Cascudo elogiando Beltrão foi publicada no número dois da mesma revista.



aparentemente apática a uma ação uniforme e eficaz⁷” (Beltrão *apud* Marques de Melo).

É a partir da identificação dessa comunicação informal, mas fortemente eficaz entre os marginalizados, que Beltrão chega à sua tese de Doutorado. “Ligados espiritualmente por certas idéias filosóficas, interesses gerais e experiências comuns” é que se dá a comunicação entre um determinado grupo. Destaca-se ainda que essa comunicação “informal” é, sem dúvidas, uma das principais responsáveis pela preservação da cultura popular.

Cristina Schmidt (2007), alerta que “para entender a folkcomunicação interessa compreender a comunicação do popular – mecanismos, linguagens, mídias. São meios de expressão de idéias e informação próprias aos grupos em sua linguagem, de modo que emissor e receptor se fazem entender numa comunicação própria ao mundo a que pertencem⁸”. Folkcomunicação é, portanto, a forma que um povo transmite suas idéias, sua cultura, a maneira em que vivem. Através da literatura oral, do pagamento de promessas, de danças em rituais religiosos, festas etc., é que as camadas populares:

“(...) organizam uma consciência comum, preservam experiências, encontram educação, recreio e estímulo, dão expansão aos seus pendores artísticos e, afinal, fazem presentes à sociedade oficial as suas aspirações e as suas expectativas... Elemento de aproximação e coesão, o folclore serve de tribuna, é um comício com que o povo se faz ouvir pelas classes superiores... em manifestações que refletem o seu comportamento em face das relações de produção vigentes na sociedade, como o registro e o comentário de fatos da vida cotidiana⁹” (Beltrão, 1971).

Na senda de Luiz Beltrão, vieram outros pesquisadores que desdobraram sua teoria, saindo do seu caráter inicial que focava apenas seu aspecto jornalístico. Alguns desses pesquisadores são considerados verdadeiros discípulos de Beltrão, entre eles, Joseph Luyten, José Marques de Melo, Roberto Benjamin e Osvaldo Trigueiro.

⁷ BELTRÃO, “O ex-voto como veículo jornalístico”, publicado na primeira edição da revista *Comunicação & Problemas*, 1965 e citado por MARQUES DE MELO, em *Folkcomunicação, contribuição brasileira à teoria da comunicação*, 2004.

⁸ SCHMIDT, Cristina. *A reprodutibilidade digital da Folkcomunicação: a construção de novas linguagens ou o fim do popular*, 2007.

⁹ BELTRÃO, Luiz. *Comunicação e Folclore: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias*, 1971



Partindo do conceito proposto por ele, a *Encomendação das Almas*, dado o seu caráter popular e religioso, foi escolhida como objeto de observação dos processos folkcomunicaçãois, como a transmissão de uma mensagem aos participantes diretos ou indiretos do ritual e a perpetuação da memória.

O ritual da *Encomendação das Almas*, ainda nos dias atuais, preserva a tradição e objetivos primitivos de quando fora trazido de Portugal. Um exemplo é o sentimento de respeito à religiosidade explicitado por um dos participantes da *Encomendação*, que se recusou a cantar um dos versos, considerado por ele como “sagrado”, por estar em um ambiente que não era adequado para tal fim. Esse respeito foi lhe passado pelo pai, que já o tinha herdado de gerações anteriores, permanecendo intacto em sua valia. E, mesmo em um grupo pequeno, em uma comunidade isolada, esse ritual, ou a crença nele, traz uma comunicação. Essa mensagem, transmitida de pai para filho e entre os integrantes dessa comunidade, é carregada de valores morais.

Para Betânia Maciel (1998), “a mensagem pretendida pelos portadores da tradição no grupo consiste em perpetuar a cultura, os modos de comportamento e organização social. A tradição é passada pelas informações do cotidiano praticadas e transmitidas entre os elementos da comunidade”. Ainda segundo a autora, “através da prática de rituais, inúmeras sociedades crêem alcançar benefícios relacionados com problemas, seja de ordem física, seja de ordem psíquica¹⁰”.

Um dos praticantes entrevistados afirmou que, o processo de se fazer a *Folia das Almas* tinha uma função específica: agradar as chamadas “almas-vagantes” ou “almas penadas”. Dessa forma, estariam em créditos com elas e não precisariam temer qualquer desavença. A função do ritual era fazer as pessoas pensarem no outro mundo, incentivando-as a rezar por aqueles que já morreram e não tiveram o ‘merecido’ descanso. Uma espécie de comunicação com o outro mundo. O ser vivo tentando um contato com o sobrenatural, com o além, com o mundo dos mortos. Os foliões acreditavam haver essa possibilidade é até uma reciprocidade por parte do “outro lado”:

“(...) ela (a *Folia das Almas*) tinha uma valia, um significado certo. Não era como uma festa, como um baile. Era como se fosse um acordo com o ‘outro lado’. Cantavam e tocavam para ‘elas’ e assim ‘elas’ não incomodavam as pessoas, as casas. Tanto que os foliões não tinham

¹⁰ MACIEL, Betânia. *Comunicação e crenças: mitos e rituais*. Texto apresentado na II Conferência Brasileira de Folkcomunicação, em São João Del Rei, 1998.



medo. Nem de gado bravo, nem de cachorros, nem de outra coisa. Saíam tarde da noite sem saber o que poderiam encontrar. Mas sentiam-se seguros. É que tinha a presença do ‘encantado’, como meu avô chamava. Muita gente viu as almas acompanhando a folia. Muita gente contava que, junto com os foliões, viam outro tanto vestido de branco¹¹”.

Esse processo tem um caráter folkcomunicação, pois, segundo o que diz Lévi-Strauss (1985), "os participantes de um ritual estão trocando experiências comunicativas, simultaneamente. Através de vários canais sensoriais diferentes, eles estão representando uma seqüência ordenada de fatos metafóricos dentro de um espaço territorial que foi, ele próprio, organizado para fornecer um conteúdo metafórico à execução¹²" (Lévi-Strauss *apud* Maciel, 1998).

Dessa forma, os participantes do ritual, através da provável comunicação com o outro mundo e da existência dele, têm os modos de comportamento de sua organização regidos pelo temor. O que não se pode negar é o efeito eficaz dessa mensagem. O temor falava mais alto e os pedidos de rezas eram cumpridos por todos.

Outros elementos de apelo folkcomunicação na *Folia das Almas*, que podemos destacar, são os instrumentos peculiares, a organização grupal, a ritualística seguida, os versos etc., pois expressam sentimentos, emoções e opiniões do povo no momento em que realizam suas devoções, sua fé e, por que não, sua história.

Minas Gerais: histórica e folclórica

Em 1720, com o descobrimento do ouro, foi criada a Capitania de Minas Gerais, hoje, o maior estado da região Sudeste. Com a descoberta das minas, nas proximidades de Ouro Preto, o centro de interesses econômicos e populacionais do Brasil se deslocou para essa região. Ouro Preto foi a primeira capital do Estado de Minas, até ser substituída por Belo Horizonte, cidade construída especificamente para esse fim.

¹¹ Trecho do depoimento de *José Alves Nascimento*, ex-participante da *Folia*, no Guiné.

¹² MACIEL, Betania. *Comunicação e crenças: mitos e rituais*. Texto apresentado na II Conferência Brasileira de Folkcomunicação, em São João Del Rei, 1998.



Minas é famosa pelo seu rico folclore¹³, cheio de lendas e manifestações populares. Cheio de personagens fascinantes, como os tocadores de violas, carranqueiros, barqueiros, foliões e descendentes de escravos. A religiosidade é a principal influência nas manifestações culturais do povo mineiro, principalmente nas festas folclóricas.

Entre as principais manifestações típicas, destaca-se o Congado, a Folia dos Reis e a Dança de São Gonçalo. Entre os mitos, acha-se o saci, o caboclo-d'água, o lobisomem, o come-língua etc. Além de inúmeras lendas, como a do sumiço da cabeça do Tiradentes ou a do rio São Francisco, que só enriquecem o nosso folclore nacional.

Minas Gerais é uma terra profundamente mística, com um ar romântico e feudal, com seus mistérios, com seus fantasmas, com sua riqueza histórica e artística.

São Roque de Minas

A Cidade de São Roque de Minas situa-se no sudoeste do Estado de Minas Gerais, no Alto São Francisco. Os primeiros habitantes da região foram os índios Cataguases, extintos ainda no século 17. Depois vieram os negros, escravos fugidos das fazendas ou lavras, que formaram alguns quilombos célebres, sendo o mais famoso o Tengo-tengo, sob o comando do lendário Nêgo Ambrósio. Em meados do século XVIII, depois de lutas sangrentas, os quilombolas foram aniquilados por ordens do Governador das Gerais. A presença dos escravos guerreiros ficou fossilizada no mapa da região em nomes como Ribeirão do Quilombo, Cachoeira do Quilombo e Capão Forro.

Dessa época em diante, com a decadência da mineração nas vizinhanças, a região começou a ser novamente povoada, devido à concessão de sesmarias a quem se aventurasse a constituir moradias por aquelas bandas. A construção de uma capela, dedicada a São Roque, em 1762, fez surgir o povoado. Em 1819, o naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire conheceu a Serra da Canastra e fez referência a essa capela em seu livro: “A pouca distancia da Fazenda do Geraldo passei pela capella de *S. Roque*

¹³ **Folclore**, no dicionário Houaiss de Língua Portuguesa, é o conjunto de costumes, lendas, provérbios, manifestações artísticas em geral, preservado, através da tradição oral, por um povo ou grupo populacional; cultura popular, populário, sendo a ciência das tradições, dos usos e da arte popular de um país ou região.



onde um sacerdote vem, às vezes, dizer missa para os habitantes da zona”. (Saint-Hilaire, 1847)¹⁴.

O povoado de São Roque, em 1938, tornou-se cidade com o nome de *Guia Lopes*¹⁵, em homenagem a José Francisco Lopes, guia das tropas brasileiras no episódio da guerra do Paraguai, que teria nascido em uma fazenda local. Em 1962, através de um plebiscito, os moradores decidiram voltar ao nome antigo e a cidade passou a ser São Roque de Minas, para diferenciar-se da homônima paulista.

O Parque Nacional da Serra da Canastra (Parnacanastra) foi criado em 3 de abril de 1972, através do decreto nº 70.355. Com uma área de aproximadamente 72 mil hectares protegidos na reserva, pertencentes a três municípios: São Roque de Minas, Sacramento e Delfinópolis. Do território do Parque, 80% pertencem ao Município de São Roque de Minas. A criação do Parque teve como objetivo principal a proteção das nascentes do rio São Francisco. Essas nascentes brotam no imenso chapadão, no alto da Serra, e despençam na grandiosa *Casca D’Anta*, primeira queda do São Francisco.

Nos últimos dez anos, a cidade passou a explorar o potencial turístico oferecido pela proximidade com o Parque Nacional da Serra da Canastra. O produto-símbolo da cidade é o queijo Canastra, cujo segredo da produção artesanal é guardado a “sete chaves” pelos moradores. A vida rural conserva essas e outras velhas tradições culturais da região como, por exemplo, as casas com arquitetura do século XIX.

A Folia das Almas

Ninguém sabe ao certo quando e onde surgiu o ritual da “Recomendação (ou *Encomendação*) das Almas”. Mas sabe-se que em Portugal, desde a Alta Idade Média, essa tradição é praticada, existindo até os dias atuais em algumas regiões interioranas do

¹⁴ Augusto de Saint-Hilaire. *Voyages aux sources du Rio São Francisco et dans la Province de Goyaz*, França, 1847.

Obs. Foi respeitada a grafia original da tradução de 1937.

¹⁵ **Guia Lopes – herói do Exército brasileiro**, José Francisco Lopes nasceu em São Roque de Minas em 26 de fevereiro de 1811. Ainda na juventude, mudou-se com a família para o Mato Grosso do Sul, próximo à divisa com o Paraguai. Em 1864, alistou-se voluntariamente ao Exército brasileiro, segundo consta, para resgatar a esposa e os filhos presos pelas tropas paraguaias. Por ser exímio conhecedor da região, tornou-se guia. A cidade de Laguna foi rebatizada para Guia Lopes da Laguna, em sua homenagem. Morreu de cólera, durante a fracassada ofensiva e consequente retirada das tropas brasileiras. Foi imortalizado por Visconde de Taunay em seu livro *A retirada de Laguna*.



país. No Brasil, veio com os jesuítas, por volta do século XVI, que a usava no processo de evangelização.

No interior do Brasil, onde ainda é possível encontrar esse ritual, temos diferentes designações para ele, sendo mais comum *encomendação* ou *recomendação*, como é chamado em Portugal. Em São Roque de Minas, ouve-se muito a expressão “tirar pras almas”. Nesse trabalho abordaremos principalmente a *Folia das Almas*, como é chamada a *Encomendação* na região do Guiné.

Segundo o catolicismo medieval, as almas pecadoras têm como destino o Purgatório. De lá vem a tradição de rezar para essas almas que almejam o perdão e o Paraíso. O povo, desejoso de fazer a sua parte e não tendo participação nos trabalhos da Igreja, criou a *Encomendação das Almas*.

Lia Fukui (1983), em um belíssimo texto, nos dá uma visão do significado desse ritual para os praticantes:

“Durante a Semana Santa guarda-se o respeito e não se trabalha na roça; ninguém bebe – o que é freqüente em outras ocasiões -, fala-se baixo e ninguém canta ou dança músicas profanas. Mesmo quando reunidos, quase todos os moradores do bairro conversam em pequenos grupos dentro e fora de casa mantendo sempre uma atitude circunspeta. (...) o sitiante procura sempre agradar o santo (protetor) e quando se encontra em dificuldade procura ‘negociar’ uma graça em troca do pagamento feito em data e época determinada. De acordo com o pedido a homenagem pode ser simples: uma vela, uma lamparina, ou mais complicada, uma novena, uma festa, uma romaria. Pode envolver apenas aquele que faz o pedido, seu grupo doméstico, sua família ou todos os moradores do bairro.

Toda esta proteção em relação ao imponderável da vida, cessa no período da Quaresma; os santos são cobertos com um pano roxo; é ‘tempo de penitência’ em que ‘os bichos estão andejos’, ‘o mal está solto’ e não se tem defesa nem possibilidade de controlar ou pactuar com o sobrenatural. Todos temem os males que nesta época são maiores do que em época comuns.

Na Sexta-Feira Santa, à noite, é que o perigo maior se apresenta. Não há proteção dos Santos, Cristo está morto.

A Recomendação às almas (...) marca desse modo um momento de grande desamparo. Celebra-se no culto às almas a morte de todos. O pacto com a vida está desequilibrado, o auxílio dos santos está ausente. É o momento de apelar aos mortos, às Almas como intermediários dos mortais, como um apelo dos vivos aos mortos, em nome do desamparo da vida. Nomear os parentes, os vizinhos, os que morrem esquecidos, os que morrem matados e as almas, geralmente as almas do purgatório,

parecem tornar os mortos intermediários entre a vida e o sobrenatural¹⁶ (Fukui, 1983)”.

Esse ritual, extinto na região do Guiné e em outras regiões, ainda existem na Serrinha e Buraca (vide mapa anexo), onde levam o nome de “tirar pras almas”. Rafael Ribeiro, 72 anos, ex-morador da região, afirma que a *encomendação* existia em todas as regiões de São Roque, inclusive na cidade.

Em uma crônica escrita por João Leite, em 1974, em ocorrência da inauguração da Galeria dos Filhos Ilustres da Terra, ele faz referência a esse ritual e como ele acontecia dentro da cidade de São Roque:

“(…) Mas, havia outra serenata que era um verdadeiro contraste das que acabei de descrever. Era muito triste e punha em todos nós, meninos, um grande medo. Na Semana Santa, saía da Rua do Capim, um grupo de mulheres, comandado pela Maria Pedreira, que percorria as ruas no silêncio e escuridão da noite, tirando pras almas, Nós, crianças, ouvíamos aquelas vozes tétricas e cavernosas tomados de grande pavor e espanto. Mas tudo isto eu relembro, com o coração apertado pela saudade, porque constituía uma verdadeira epopéia de glória e de beleza que emoldurava o meu São Roque inesquecível¹⁷”.

Elementos que integram a *Folia* (encomendação) das Almas

1. O ritual

O ritual da Folia das Almas acontecia na Quaresma¹⁸. “Nos quarentas dias antes da Semana Santa, todas as sextas-feiras, um bando de ‘foliões’ saíam, à noite, para a Folia das Almas”¹⁹. Tradicionalmente, o ritual iniciava-se após as 10 horas da noite, horário em que a maioria das pessoas já tinha se deitado. “Horário que as almas mais

¹⁶ FUKUI, Lia Garcia. *O Culto aos Mortos entre Sítiantes Tradicionais do Sertão de Itapeçerica*

¹⁷ A crônica foi escrita por João Leite, em 04 de abril de 1974, por ocasião da inauguração da *Galeria dos Ilustres Filhos da Terra*. Ela não foi publicada, mas distribuída entre amigos. A pesquisadora Valdete Arantes guarda um exemplar dessa crônica.

¹⁸ **Quaresma** - Parte do ciclo pascal que se inicia na quarta-feira de cinzas com periodicidade de 40 dias e termina na quinta-feira que antecede a Páscoa. É tempo de penitência, tal como proposto pela Igreja Católica, fazendo com que os ritos e cerimônias apresentem caráter religioso derivado de textos evangélicos e de conceitos populares europeus.

¹⁹ Trecho do depoimento de Rafael Ribeiro, 72, ex-morador da região do Guiné.



gostavam²⁰”. Retornavam antes de o dia clarear. Devido à distância entre as fazendas, visitavam de três a quatro casas por noite.

Em um número reduzido, os participantes saíam de casa em casa, nas fazendas, para cantar pras almas. Ao chegar no terreiro de uma residência, um dos integrantes batia a matraca: era o sinal para o início dos toques e cantorias. Quando o morador da residência percebia a presença dos ‘foliões’, deveria apagar as luzes da casa, permanecer no escuro e em silêncio até o final do ritual.

Pouco se cantava. Os versos eram curtos e variavam nas diferentes regiões. Na folia do Guiné, o verso inicial da cantoria era: “Alerta, pecador, alerta desse sono que vós estais”. As vozes formavam um coro com diferentes timbres. O canto era interrompido para pedir as rezas. Uma reza para cada tipo de alma (as de mortes violentas, as perdidas, as afogadas, as aflitas etc.). Ao final da cantoria, exclamavam diversas vezes uma espécie de ordem: “reza pras almas!”. O ritual durava aproximadamente 5 minutos, não mais que isso, em cada casa.

Depois de encerrado o ritual, no momento em que os ‘foliões’ se retiravam, o dono da casa poderia acender as luzes e chamá-los, de volta, para um café. Normalmente, o café era rico das iguarias da culinária mineira, como o pão de queijo, o biscoito de polvilho, muito queijo e doces. Caso o dono da residência não abrisse a porta, os ‘foliões’ deveriam seguir em frente, para outra fazenda, outra residência.

Alguns moradores não gostavam do barulho e não atendiam aos ‘foliões’. Era muito comum, também, o barulho assustar as crianças, que começavam a chorar. Em noites escuras, usavam candeias ou tochas para iluminarem os caminhos.

Alguns ‘visitados’ costumavam dar esmolas aos foliões. Essas esmolas eram entregues pelas frestas das janelas, já que, segundo o ritual, não era permitido abrirem a casa durante o processo. Alguns acreditavam que, se não dessem esmolas, algo de ruim poderia acontecer com eles. Os foliões, em agradecimento à esmola, deixavam nas janelas um sinal, que poderia ser uma flor. Caso chegassem a uma casa e notassem movimentos dentro dela, não paravam.

²⁰ Idem.

2. Os instrumentos

Os instrumentos musicais usados na *Folia das Almas* e nas *Encomendações* em geral, apresentam características peculiares. Além dos instrumentos descritos abaixo, é possível encontrar em algumas encomendações instrumentos como adufe (espécie de pandeiro artesanal), rabeca e até violão. Na *Folia das Almas* do Guiné só se usavam os descritos abaixo:

a. *Matraca*

Existem variações no formato da matraca. A mais comum é feita com uma tábua e em cada lado se coloca uma haste de ferro, semelhante a um puxador. O som é produzido pelo toque das hastes na madeira. O formato descrito abaixo é uma particularidade da *Folia das almas*, do Guiné. Uma tábua de aproximadamente 25 cm, esculpida no formato de um remo, ou raquete, com duas outras tábuas em cada lado (conforme foto 1). Esses dois remos curtos são fixados ao cabo através de um barbante ou corda. Segura-se pelo cabo e agita-se para que as tábuas laterais batam contra a do meio, produzindo som. Em cada folia só existia uma matraca. Era o primeiro instrumento a ser tocado e o seu tocador era uma espécie de maestro, comandava os demais.



Foto 1

b. *Réu-réu*

Feita com um gomo de bambu ainda verde (para não “quebrar” durante a confecção). Uma das paredes do bambu é lascada de forma a deixar uma das extremidades presas. Uma roda dentada faz com que a lasca do bambu seja levantada até escapar do dente (conforme foto 2). O impacto da lasca de volta ao bambu produz um som seco. Girada com força, o instrumento gera uma sequência rápida de batidas, semelhante a uma

rajada de metralhadora. Também só se usava um réu-réu por folia. Era o segundo instrumento a ser tocado.



Foto 02

c. Berra-boi

O berra-boi consiste em uma pequena tábua amarrada em um barbante forte ou cordão em uma das extremidades. Na outra extremidade amarra-se um pequeno cabo, para segurar (conforme foto 3). O toque se dá fazendo girar com força a tábua provocando um zumbido grave, semelhante a uma forte ventania. Era o terceiro instrumento a ser tocado e, diferentemente da matraca e do réu-réu, se poderiam usar quantos quisessem. Tinha folia que contava com até 20 berra-bois, que provocavam um som assustador.



Foto 3

3. Os personagens

Os personagens da *Folia das Almas* são todos chamados de **foliões**, sem distinção ou título específico para nenhum dos participantes. O comando da *Folia* fica nas mãos do tocador da matraca, que pode ser homem ou mulher.



4. As vestimentas

Os ‘foliões’ da *Folia das Almas* usavam roupas comuns, apenas de cores claras, sem nenhuma vestimenta característica nem ornamentos. Em outras regiões, os participantes das recomendações usavam um pano branco na cabeça ou até mesmo um lençol enrolado no corpo.

Resistência cultural

A tão citada globalização do terceiro milênio aparece nesse cenário como uma ameaça à continuidade da existência desses traços populares. Embora o ritual já derive de uma globalização anterior, uma vez que seu berço é a Europa Medieval, é inegável que o mesmo já adquiriu traços que o distingue e identifica como uma variante genuinamente brasileira. Esse ritual, trazido pelos portugueses, era freqüente em diversas regiões do Brasil, mas acabou sendo esquecido e por pouco não se extinguiu.

O processo de modernização e esvaziamento da fé nas novas gerações, fez com que esses rituais se isolassem unicamente em regiões rurais, afastadas do grande público.

Mas, apesar do ritual ter se extinguido na sua versão urbana, conseqüência natural da modernidade, e em algumas regiões rurais, devido ao êxodo de seus habitantes, ainda é possível presenciar o ritual da *Encomendação das Almas* nas regiões da Serrinha e Buracas (vide mapa anexo), onde os remanescentes das gerações passadas ainda preservam e lutam para manter viva essa tradição.

Isso vai ao encontro do que diz Roberto Benjamin (2004), quando fala da resistência cultural como um dos processos folkcomunicacionais:

“No caso das pessoas e grupos que se mantêm na resistência cultural, cabe ao estudioso do folclore estimular-lhes a autoestima e a conscientização da importância das manifestações culturais dos grupos, utilizando inclusive os meios de comunicação de massa para conscientizar a comunidade envolvente sobre a sua importância, destacando o caráter único por se tratar de uma variante local. É da mais absoluta necessidade a preservação do suporte material para a garantia da continuidade da realização dos bens imateriais. (Benjamin, 2014)²¹”.

²¹ BENJAMIM, R. Estratégias de Sobrevivência das Culturas Regionais em Face do Processo de Globalização. In: BREGUEZ, Sebastião (Org). Folkcomunicação: resistência na sociedade globalizada. Belo Horizonte: Intercom, 2004.



Apesar da falta de interesse das novas gerações e do descaso por parte da política local, pela ausência de um incentivo de preservação cultural, é possível notar uma intenção de resistência por parte dos praticantes. E também do trabalho daqueles que de forma independente pesquisam essas manifestações e lutam para preservá-las e, preferivelmente, perpetuá-las.

Considerações finais

O presente trabalho teve como um de seus principais objetivos descrever um pouco dessa nossa rica cultura ainda inexplorada. Registrar é uma forma de compartilhar aquilo que está apenas na memória dos mais velhos, fazendo com que chegue até as gerações futuras.

Para isso, partimos da identificação de alguns processos folkcomunicacionais, fundamentais para essa preservação. Observamos que a tentativa de comunicação com as almas é vital aos processos de perpetuação dessa cultura no seu traço mais puro. Essa tentativa de comunicação espiritual viabiliza a interação do grupo participante, num claro processo folkcomunicacional. As narrativas, histórias e a própria ação comunicativa do grupo explicitam valores, medos, mitos, crenças e uma visão de mundo característica de um povo à margem dos meios tradicionais de comunicação, objeto dos estudos de Luiz Beltrão.

Durante a pesquisa, percebemos, ainda, que os estudos sobre a *Recomendação* (ou *Encomendação*) *das Almas* são extremamente escassos, com exceção de pequenas referências em publicações folclóricas. Identificamos, assim, a necessidade de registrar e divulgar as práticas desse ritual como uma contribuição para sua sobrevivência.

Registrar é não deixar que o tempo apague a história. Registrar é, também, uma forma de resistir.



Bibliografia

BELTRÃO, Luiz. *Comunicação e Folclore: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias*. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

_____. *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados*. São Paulo: Cortez, 1980.

BENJAMIM, Roberto. *Folkcomunicação na sociedade contemporânea*. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore, 2004.

_____. *Folkcomunicação no contexto de massa*. Paraíba: Editora da UFPB, 2000.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é folclore*. São Paulo: Ed Brasiliense, 1984.

BREGUEZ, Sebastião Geraldo (Org). *Folkcomunicação: resistência na sociedade globalizada*. Belo Horizonte: Intercom, 2004.

_____. MENDONÇA, Marcela. *Folia de reis em Sete Lagoas: mídia e folclore numa cidade do interior de Minas Gerais*. In: XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05 de setembro de 2002. Disponível em: <repositorio.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/19134/1/2002_NP17_MENDONCA1.pdf>. Acesso em 21 jun. 2007.

_____. Os estudos de folkcomunicação hoje no Brasil. In: *Revista Internacional de Folkcomunicação*, N° 1, 2003. Disponível em: <www.uepg.br/revistafolkcom> Acesso em 22 de junho de 2007

DICIONÁRIO AURÉLIO eletrônico; século XXI. Rio de Janeiro, Nova Fronteira e Lexicon Informática, 1999, CD-rom, versão 3.0.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001, CD-rom versão 1.0, para Windows.

FUKUI, Lia Garcia. O Culto aos Mortos entre Sítiantes Tradicionais do Sertão de Itapeçerica. In: MARTINS, José de Souza (Org). *A Morte e os Mortos na Sociedade Brasileira*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1983.

JANGADA BRASIL – a cara e a alma brasileiras. Disponível em: <www.jangadabrasil.com.br>. Acesso em 22 de junho de 2007.



JOSEPH, Luyten M. *Sistemas de comunicação Popular*. São Paulo: Ed. Ática, 1988.

MATOS, I. S. *Mumbuca*. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. São Vicente, 1980.

MORAIS FILHO, Melo. As encomendas das Almas. In: *Festas e tradições populares do Brasil*. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1979, pág. 155-159.

MOTA, Laís Duarte; CUNHA DE PAULA, Rogério; GAMBARINI, Adriano. *Serra da Canastra*. São Paulo: Aori, 2006.

OS CANASTRAS. São Roque de Minas. Disponível em: <www.canastra.com.br>. Acesso em 22 de junho de 2007.

PORTAL DA SERRA DA CANASTRA. S. Roque de Minas. Disponível em: <www.serradacanastra.com.br>. Acesso em 22 de junho de 2007.

PORTAL DESCUBRAMINAS. Senac-MG e Secretaria de Estado de Turismo. Disponível em: <www.descubraminas.com.br>. Acesso em 22 de junho de 2007.

PRADO, José Nascimento de Almeida. *Trabalhos Fúnebres na Roça*. Separata da Revista do Arquivo, nº CXV, São Paulo: Departamento de Cultura, 1947.

SAINT-HILAIRE, Augusto de. *Voyages aux sources du Rio São Francisco et dans la Province de Goyaz*, França, 1847. Trad. LESSA, Cláudio Ribeiro. *Viagens às Nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goyaz*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

SCHMIDT, Cristina. A reprodutibilidade digital da Folkcomunicação: a construção de novas linguagens ou o fim do popular. In: *Comunicação & Sociedade*, nº 47. São Bernardo do Campo: Ed. Umesp, 2007.

SCHMIDT, Cristina. Viagem à Casa de Deus: a folkcomunicação nas manifestações extraordinárias. In: VII Congreso Latinoamericano de Ciencias de la Comunicación - Alaic 2005. Disponível em <www.alaic.net/VII_congreso/gt/gt_8/GT8%20p6.html>. Acessado em 20 de junho de 2007.

WIKIPEDIA, enciclopédia livre. Portugal: Disponível em: <pt.wikipedia.org>. Acessado entre 20 e 22 de junho de 2007.

ZUCCONI, Angelo João. Recomendação das Almas. In: *Terra Brasileira - Folclore*. Disponível em: <<http://www.terrabrasileira.net/folclore/regioes/gritos/s-almas.html>>. Acessado em 22 de junho de 2007.

